

PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INSTITUCIONALIZADOS E EMPATIA: PESQUISA-INTERVENÇÃO REALIZADA COM UNIVERSITÁRIOS

Anna Beatryz Vieira Gonçalves¹
Beatriz Meireles Waked de Holanda²
Brenno Eloy da Cunha Maribondo³
Yasmin de Freitas Ruas⁴
Lilian Kelly de Sousa Galvão⁵

INTRODUÇÃO

Hoffman (2003) descreve a empatia como a habilidade de uma pessoa colocar-se no lugar do outro, perceber seus sentimentos, dor ou desconforto, e responder de forma mais adequada à situação do outro do que a sua situação particular. Sentir empatia por algo que é familiar e por alguém conhecido e próximo é considerado por Hoffman (2003) como algo mais fácil do que se sensibilizar por realidades distantes e incomuns, como sentir empatia por pacientes psiquiátricos institucionalizados (GALVÃO; CAMINO; GOUVEIA; FORMIGA, 2010). Nesse sentido, considera-se relevante que a empatia não familiar seja estimulada, sobretudo entre profissões que preconizam a ética inclusiva.

Dentro de uma perspectiva histórica, Amarante e Torre (2018) mencionam que, durante muito tempo, as internações psiquiátricas foram validadas pela ideia de que aqueles sujeitos que se encontravam fora da realidade ou fora de si eram perigosos e necessitavam ficar isolados. De acordo com Silva (2019), isolamento, como medida de tratamento para pessoas com doenças mentais, tornou-se sinônimo de sucessivos maus tratos, superlotação, falta de saneamento e de violação de direitos fundamentais.

Diante do exposto, o objetivo principal deste trabalho é promover reflexões críticas sobre a realidade vivenciada por pacientes psiquiátricos institucionalizados, em um grupo de estudantes universitários por meio da promoção da sensibilização empática.

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, abvgvieira@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, biawakedm@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, brenno.elay.cunha@hotmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, yasminfr.ruas@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Psicologia (UFPB), Professora do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lilian.galvao@academicol.ufpb.br

METODOLOGIA

Este trabalho refere-se a um relato de experiência sobre a prática pedagógica de aprendizagem, desenvolvida no componente curricular Seminário Temático em Psicopedagogia I, que tinha por finalidade preparar os discentes para elaborar e executar uma pesquisa-intervenção para promover a empatia, a partir do uso da estratégia racional-afetiva de desenvolvimento empático, elaborada por Galvão (2010), e adaptada ao ensino remoto por Gonçalves, Correia e Galvão (2020).

A pesquisa-intervenção é definida por Thiollent (2000) como uma modalidade de pesquisa que tem como objetivo a produção de conhecimento partindo da atuação de um grupo de pessoas. A estratégia interventiva racional-afetiva para o desenvolvimento da empatia, por sua vez, propõe o uso conjunto de técnicas do psicodrama associadas a rodas de conversa (GALVÃO, 2010), planejada para ser executada em quatro etapas: aquecimento, dramatização, compartilhar e comportamento pró-social.

Participaram da pesquisa-intervenção 23 estudantes do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sendo 20 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, que cursavam o período suplementar 2020.2. No tocante a execução da intervenção, ela ocorreu de forma virtual por meio da plataforma digital *Google Meet*, com duração de 45 minutos, sendo facilitada por 4 mediadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aquecimento

Conforme Gonçalves, Wolff e Almeida (1998), o aquecimento prepara os participantes para que a dramatização seja mais espontânea e proveitosa. Nessa fase foi exposto aos participantes o documentário “Em nome da razão”, que mostra a realidade dos pacientes psiquiátricos institucionalizados e preconiza uma reflexão sobre a função social dessas instituições. Durante essa etapa, foi possível observar, por meio das câmeras, as expressões de descontentamento e pena dos estudantes com a realidade mostrada. Diante do exposto, pode-se afirmar que o objetivo de preparar os participantes para a dramatização foi cumprido.

Dramatização

Malaquias (2012) define a dramatização como o desenvolvimento de uma cena, sendo para esse momento escolhida a técnica intitulada de “A carta”, descrita por Blatner e Blatner (1996) como o momento em que o participante pode escrever uma carta imaginária para alguém significativo, com o objetivo de gerar uma comunicação ou resolução de conflito. Para construção do contexto da carta foi apresentada aos participantes trechos da reportagem

“A casa dos esquecidos”, do programa Conexão Repórter exibida em 2013, disponível na plataforma de compartilhamento de vídeos, *YouTube*, onde é mostrado a realidade de um paciente de um hospital psiquiátrico que sofreu agressões físicas e vivia em condições desumanas. Na reportagem, o jovem de 19 anos, que estava internado em um hospital psiquiátrico há seis anos, relata as agressões físicas sofridas pelos próprios enfermeiros da instituição e descreve as péssimas condições do local, que continha fezes pelo chão, pacientes despídos e amontoados em camas que, muitas vezes, não tinham colchão. Ao se deparar com a situação do filho, a mãe do jovem emociona-se e prontifica-se a retirar o filho do hospital e cuidar dele em casa. Durante a exibição do vídeo foi possível observar pelas câmeras ligadas, a angústia, o desconforto e a tristeza com a situação apresentada.

Após a exibição do vídeo, os participantes foram convidados a escreverem uma carta, que poderia ser direcionada para o jovem, e/ou a mãe, e/ou ao Estado. Enquanto as cartas eram produzidas foi colocada uma música instrumental de fundo. Depois de produzirem as cartas, os estudantes foram solicitados a compartilhá-las. Em relação às cartas direcionadas ao jovem do hospital psiquiátrico, predominou entre os estudantes relatos que descreviam sentimentos empáticos de angústia, tristeza e compaixão (HOFFMAN, 2003):

"(...) Sinta-se acolhido e abraçado!". "(...) queria muito te abraçar e dizer como você é especial (...)". "(...) Eu sinto muito que você tenha passado por isso, Bruno (...)"

Em relação às cartas direcionadas para a mãe do jovem, foi possível constatar que os participantes alcançaram o último estágio de desenvolvimento da empatia, denominado por Hoffman (2003) de “empatia para além da situação do outro”. Mesmo que os participantes nunca tenham entrado em uma instituição psiquiátrica, nem tenham vivenciado a maternidade/paternidade, eles pareceram conseguir se descentrar do seu próprio *self*, colocasse no lugar da mãe do paciente psiquiátrico e sentir de forma genuína a sua dor, dando uma resposta mais congruente a situação daquela mãe do que a sua própria situação, tentando confortá-la:

“(...) não é sua culpa ele ter passado por isso, a senhora achou que era o melhor naquela situação que ele se encontrava. (...)”. “(...) talvez você nem se sinta a melhor mãe para ele depois de todo esse pesadelo. Mas não é sua culpa. (...)”

Já as cartas voltadas para o Estado, que geria o hospital, os participantes trouxeram relatos que expressaram, de maneira unânime, os sentimentos de vergonha e nojo, mas também o desejo de transformação da situação existente no local, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

"(...) Continuaremos lutando para que pessoas como Bruno tenham um melhor tratamento (...)". “(...) é uma vergonha ver cenas como essas e saber que a realidade

deveria ser melhor propiciada por vocês. (...)”. “(...) Queria muito que você cumprisse o seu papel. Nojo da politicagem. Nojo desse descaso. Nojo. (...)”

De um modo geral, ao analisar a fala dos participantes, percebe-se que a técnica psicodramática da carta demonstrou-se eficaz em favorecer não só a expressão de pensamentos, mas também de sentimentos. Com base em Galvão (2010), durante o processo de educação empática, os envolvidos devem ter a oportunidade não só de compreender a dor do outro, mas também de sentir e se sensibilizar com o sofrimento do outro.

Também é importante mencionar que a técnica psicodramática, a carta, explorou diferentes personagens da história apresentada, o jovem agredido, a mãe entristecida e o Estado como responsável pelos danos, com o propósito de promover a descentração cognitiva e o exercício empático de colocar-se no lugar de todas as pessoas envolvidas na narrativa, conforme orienta Hoffman (2003).

Compartilhar

Subsequente à dramatização teve início a etapa do compartilhar, definida por Malaquias (2012) como o momento de dividir as experiências adquiridas dentro dos papéis dramatizados e sobre o que aprenderam. Em resposta as perguntas norteadoras, foram compartilhadas reflexões crítica sobre o assunto:

“(...) As pessoas que estão ali dentro são vistas como ninguém (...)”. “(...) teria um tratamento digno se houvesse a boa vontade do Estado (...)”. “(...) os cachorros que vivem nas ruas não passam por uma situação tão triste como aquela (...)!”.

Em relação aos sentimentos registrados, observou-se a predominância de angústia empática, raiva empática e compaixão empática (HOFFMAN, 2003). A angústia empática acontece quando há uma apropriação do sentimento de desconforto do outro como se o sentimento fosse da própria pessoa. A raiva empática é a raiva direcionada ao agressor, neste caso o Estado. A compaixão empática pode ser definida como o sentimento de piedade e compaixão em relação à vítima.

Comportamento pró-social

Para finalizar a intervenção, foi proposto um comportamento pró-social, definido por Martin-Raugh, Kell e Motowidlo (2016) como ações que envolvem práticas como doar, compartilhar, ajudar e/ou cooperar. Foi solicitado aos participantes que entrassem em contato com alguém que estivesse em um momento de sofrimento emocional ou vivenciando algum transtorno, como o de ansiedade e/ou de depressão, por meio de uma mensagem acolhedora e pessoal ou através de um telefonema. Essa é uma fase que busca propiciar, conforme discute

Hoffman (2003), a vivência da verdadeira empatia, que é a que impulsiona as ações pró-sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados expostos, é possível afirmar que o objetivo desta intervenção foi alcançado, favorecendo uma sensibilização empática em relação às pessoas que apresentam problemas mentais e são atendidas em instituições psiquiátricas. Acredita-se que essa intervenção proporcionou aos participantes um olhar mais intencional sobre essa realidade que cotidianamente é silenciada, invisibilizada, mas que existe, e precisa ser vista e revista, sobretudo pelos estudantes universitários em questão, que, em breve, estarão se inserindo no mercado de trabalho.

Em suma, cientes de todas as limitações de uma intervenção realizada em um contexto virtual, de caráter didático e pedagógico, entende-se que os resultados aqui obtidos expressam que simples ações como essas, ao serem inseridas no contexto educacional, podem ter resultados significativos, quando ocorrem em conjunto com outras ações, no processo de construção de uma sociedade acolhedora, justa e empática.

Por fim, vale a pena lembrar que a estratégia racional-afetiva para a promoção da empatia já foi utilizada, sobre a orientação de L. Galvão, com crianças, adolescentes e adultos, em contexto presencial e remoto, e pode ser facilmente adaptada a diferentes situações. Espera-se, portanto, que este trabalho motive a execução de outras intervenções com delineamentos semelhantes sobre temáticas diversas, com finalidade de aprofundar os dados aqui relatados e com o objetivo de tornar os futuros profissionais, das mais diversas áreas, mais sensíveis e empáticos.

Palavras-chave: Empatia, Pacientes psiquiátricos, Reforma psiquiátrica, Educação cidadã.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G. “De volta à cidade, sr. cidadão!” - reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. **Revista de Administração Pública**, 2018.

BLATNER, A; BLATNER, A. **Uma visão global do psicodrama**: fundamentos históricos, teóricos e práticos. São Paulo: Ágora, 1996.

CONEXÃO Repórter - 24/01/13 - A Casa dos Esquecidos - Completo. [S. l.]: **Sistema Brasileiro de Televisão**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UZBMaKNxua0>. Acesso em: 17 mar. 2021.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

GALVÃO, L.. Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais. 2010. 299 f. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GALVÃO, L.; CAMINO, C.; GOUVEIA, V. V.; FORMIGA, N. S. Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: Validade fatorial e consistência interna. **Psico**, v. 41, n. 3, 399-405, 2010.

GONÇALVES, A. B. V.; CORREIA, V. R. U.; GALVÃO, L. K. de S. Empatia por adolescentes em conflito com a lei: pesquisa-intervenção realizada com estudantes universitários. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**, [s. l.], 2020.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama**: introdução ao pensamento de Jacob Levy Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development**: implications for caring and justice. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2003.

MALAQUIAS, M. C. Teoria dos grupos e sociatria. In: CONCEIÇÃO, M. I. G.; NERY, M., P. **Intervenções grupais**: o psicodrama e seus métodos. São Paulo: Ágora, 2012.

MARTIN-RAUGH, M. P.; KELL, H. J.; MOTOWIDLO, S. J. Prosocial knowledge mediates effects of agreeableness and emotional intelligence on prosocial behavior. *Personality and Individual Differences*, 2016

SILVA, J. J. H. da. As violações aos Direitos Humanos nos tratamentos psiquiátricos da antiguidade e sua integração na atualidade. 2019. **Monografia** (Graduação em Direito) - UniEVANGÉLICA, [S. l.], 2019.